

## TRIBUTO A SAGA DA MULHER GAÚCHA (Sebastião Teixeira Corrêa)

Nos relicários dos museus da história  
Onde se perfilam os medalhões ouro, prata e bronze  
E onde se tem a dimensão exata  
Das honrarias forjadas no metal

O troféu de lutas, de combates  
O meritório prêmio  
Que enfeitou de galardões dourados  
O peito dos valentes,  
Nos entreveiros e nos tempos quentes  
Das peleias, das guerras e embates.

Critérios? - Bravura, valentia,  
Coragem de enfrentar de peito aberto  
A fúria do algoz,  
Que, com ódio mortal se arremessava  
Contra o bravo gaúcho, que peleava por dignidade,  
Pela glória de ser guapo  
E pelo amor à terra.

Talvez tenham havido outros critérios  
Que premiaram ideais nem tanto sérios  
Ou heróis que nunca pisaram o campo das batalhas.  
Mas, se os galões de ouro das medalhas  
Distinguiram falsos coronéis,  
Por certo, o sangue derramado  
Pelos anônimos mártires tombados  
Lavou a honra manchada dos quartéis.

Porém, a história dos museus e livros  
Não conta a saga da mulher gaúcha  
A heroína, que longe dos fuzis,  
A comandar as lides das estâncias,  
Sufocando no trabalho as suas ânsias,  
À distância dos homens que peleavam,  
Vendo brotar das sementes que plantavam,  
A esperança de vida, no regresso,  
E a contra-peso dos fardos e das cargas,  
Os filhos, erguidos às ilhargas,  
Sustentaram nos ombros o progresso

Quando os povoados se ergueram pelos vales,  
E derramaram casas pelos cerros,  
Ouviu-se o tinido da bigorna  
Multiplicar seu som de puro aço,  
Domando o ferro ao peso das marretas  
E ao amoldá-lo, em chapas circulares,  
Nos intervalos das rezas, aos altares.  
Transformá-lo em rodas, práς carretas.

Hoje, esta mesma história continua viva  
Mas esquecida, pois não é contada  
Talvez por medo de ser ofuscada  
A imagem de herói que se criou

A história viva está naquelas mulheres,  
Centenárias muralhas, que desafiam o tempo,  
E continuam, legenda terrunha desta pampa,

Basta bombear-lhes a estampa  
Para notar o aço do seu cerno,

Olhem a serra. e verão aquelas  
Com traços de além-mares  
Que plantaram povoados e pomares

E têm no corpo ainda as cicatrizes  
Da forja e da bigorna,  
Resistindo à dor e ao sofrimento,  
São hoje, vivos monumentos  
Que, erguidos em reverência  
Simbolizam o passado e o futuro da querência.

Olhem os campos, e verão siluetas grisalhas,  
Peles ainda tostadas de muitos verões,  
Semblantes lusos, olhos zebrunos,  
Esgueirando-se nas casas velhas,  
Irmãs gêmeas dos ranchos e taperas,  
Que alheias ao tempo,  
Desafiam as eras,  
Nas lides perenes dos fogões.

Essas xiruas ainda são legendas  
Que, cultuadas nos saraus de prendas,  
Perpetuam-se nas novas gerações.

Procurem nas estâncias  
E encontrarão aquelas,  
Que puderam ver o mundo  
Apenas das janelas das Casas Grandes,  
Onde passaram a vida,  
A pele escura, como que tingida  
Pela mão da noite,  
Essas mulheres tristes e sofridas  
Com seus desejos e ânsias reprimidas  
Curaram com lágrimas as feridas  
Dos filhos, judiados pelo açoite.

E existem também, pelas favelas,  
Nos ranchos povoeiros,  
Desconhecidas heroínas de todas as origens,

Morrendo aos poucos, pelo abandono.  
Que Rio Grande é esse? Que homens somos nós?  
Quando jogamos na dor e na miséria  
O próprio sangue de nossas artérias,  
Na imagem santa das avós.

A força, a tenência, esta coragem  
Singular do campeiro  
De não temer, por grande, o entreveiro,  
Nos vem dessas mulheres  
Que são de carne e osso,  
Mas também de aço, temperado ao rigor.

E esse progresso que o Rio Grande ostenta,  
Vem da fibra daquelas que souberam  
Ser parceiras, amigas, companheiras,  
Escravas de ideais,  
Em verdadeiras concessões de amor.

É por isso que hoje precisamos honrar esse legado,  
Resgatar os feitos do passado,  
Reescrevendo as páginas da história  
Porque a nossa glória  
Nasceu da estirpe guerreira  
Da mulher gaúcha!